

2

DEFININDO E REDEFININDO A COMUNIDADE

Conhecer alguém, aqui e ali, com quem se sente que há compreensão, apesar da distância e dos pensamentos expressos, pode fazer desta terra um jardim.

GOETHE

Howard Rheingold escreveu em um artigo em junho de 1992: “Os computadores, modems e redes de comunicação fornecem-nos a infra-estrutura tecnológica da comunicação por computador (CMC)*; o ciberespaço é o espaço conceitual em que palavras, relacionamentos humanos, dados, riqueza e poder são manifestados pelas pessoas que usam essa infra-estrutura tecnológica; as comunidades virtuais são agregações culturais que emergem quando um número suficiente de pessoas encontra-se no ciberespaço” (p.1). Embora seja uma percepção um tanto quanto simplificadora de um conceito que se desenvolve, esse raciocínio parece indicar que, de fato, existem coisas como *comunidade eletrônica* e *comunidade virtual*.

No passado, a *diferenciação* e a *participação em um grupo social* eram fatores relevantes para o desenvolvimento da comunidade. As pessoas que possuíam interesses comuns formavam grupos e comunidades a fim de buscar aquilo que as distinguiu de outros grupos. Além disso, as comunidades formavam-se com base em um local determinado. A pequena cidade ou bairro no qual se vivia era a comunidade de que se participava. Aderir às normas dessa comunidade permitia que se continuasse a ser um membro dela. Expressar sua singularidade como pessoa era às vezes um problema, por causa da necessidade de que tais normas fossem respeitadas (Shaffer e Anundsen, 1993). Pelo fato de a comunidade não ser mais um conceito dependente de um lugar, passamos a redefinir o que é e o que não é comunidade.

*N. de T. No original, *computer mediated communication*.

A COMUNIDADE NO CIBERESPAÇO

Com o advento da comunicação eletrônica e da realidade virtual, tornou-se difícil determinar o que significa exatamente a palavra *comunidade*. As comunidades diversificaram-se e têm atributos muito variados. Ingressar na comunidade virtual e continuar a ser um membro dela acarreta um processo muito diferente, que pode ser algo difícil para algumas pessoas. Steven Jones (1995, p. 156), em seu livro *Cybersociety*, afirma: “O quanto as pessoas utilizam a comunicação por computador como meio para inventar novas *personas* e para recriar suas identidades – ou para fazer uma combinação de ambas –, bem como os modos pelos quais o fazem, são questões centrais à construção de uma sociedade em que o computador exerce um papel tão importante”.

Jones descreve o que se chama de *personalidade eletrônica*: a pessoa que nos tornamos quando estamos on-line. Nosso trabalho (Pratt, 1996, p. 119-120) demonstrou que, para essa personalidade eletrônica existir, certos elementos devem manifestar-se, tais como:

- a capacidade de dar continuidade a um diálogo interno a fim de formular respostas;
- a criação de uma imagem de privacidade, tanto em termos do espaço a partir do qual a pessoa comunica-se quanto da capacidade de criar um sentimento interno de privacidade;
- a capacidade de lidar com questões emocionais pela forma textual;
- a capacidade de criar uma imagem mental do parceiro durante o processo comunicativo;
- a capacidade de criar uma sensação de presença on-line por meio da personalização do que é comunicado.

Assim, o indivíduo cria um ambiente virtual que permite o surgimento de sua personalidade eletrônica. Os introvertidos são mais hábeis na criação de um ambiente virtual, pois sabem como processar informações internamente e são menos abertos socialmente. Para o introvertido, é mais fácil demorar-se em pensamentos sobre determinada informação antes de responder a ela. É mais difícil – mas não impossível – para os extrovertidos fazer o mesmo, talvez porque tenham menor necessidade de fazê-lo. A tendência é a de que os extrovertidos sintam-se mais à vontade em processar verbal e presencialmente as suas respostas. “O local escolhido pelos extrovertidos para aprender é um local em que há mais barulho, o que lhes proporciona melhor desempenho; os introvertidos preferem o silêncio” (Ornstein, 1995, p. 57). Conseqüentemente, o introvertido talvez tenha menor dificuldade de entrar na comunidade virtual, ao passo que o extrovertido, com sua necessidade de estabelecer uma idéia de presença social, talvez tenha mais problemas ao fazê-lo (Pratt, 1996).

A articulação dessas comunidades pode ser praticamente instantânea; porém, para que uma comunidade unida seja funcional e tenha determinada durabilidade, é necessário que tal união se dê ao longo do tempo. Linda Harasim (*in Shell*, 1995) tem a impressão de que a utilização da terminologia da “supervia da informação” para fazer referência à internet confunde as pessoas quanto ao que realmente seja a própria internet. Para a autora, trata-se de um lugar, algo mais próximo do que entendemos por comunidade do que propriamente uma passagem ou rede pela qual transita informação, tal como o nome indica.

Daqueles de nós que se envolvem com o uso dessa tecnologia na educação depende a definição de comunidade, pois acreditamos sinceramente que estamos lidando aqui com questões que são primordiais e essenciais para a existência da comunicação eletrônica na arena educacional. Mesmo nessa comunidade virtual, os educadores devem saber que o modo como o meio eletrônico é utilizado depende em grande parte das necessidades humanas, isto é, tanto dos professores quanto dos alunos, e que essas necessidades são a razão primeira por que se formam as comunidades eletrônicas. Em alguns aspectos, essas comunidades educacionais podem ser mais estimulantes e interessantes para quem trabalha com educação, porque elas unem pessoas que possuem interesses e objetivos similares, ou seja, pessoas que não estão conectadas por acaso, como se verifica em outras áreas do ciberespaço.

Nossos seminários são um exemplo perfeito de como pessoas geograficamente desconectadas tornam-se “conectadas” em uma comunidade cujos propósitos são vários, mas que possui um interesse comum. Como estavam conectados professores e alunos? Em essência, conversamos de uma forma que jamais havíamos conversado. Enquanto professores, interagimos como colegas, trocando mais informações de cunho pessoal do que em uma sala de aula presencial. Nossos alunos tiveram liberdade para discutir assuntos relativos às suas vidas, como dificuldades do trabalho e de relacionamento, nascimento e morte. Não tivemos de nos preocupar com nossa aparência. Conectamo-nos, mesmo assim, por nossos interesses comuns e por um curso comum, em que trabalhamos juntos.

O processo de construção da comunidade nos grupos on-line pode ser completo sem que o grupo jamais se encontre frente a frente? Ainda que esse tipo de contato seja útil em determinado momento do processo e facilite o desenvolvimento da comunidade, não é provável que mude a dinâmica on-line do grupo. Contudo, é possível criar o sentimento de comunidade sem esse contato. Shaffer e Anundsen (1993) consideram que o que chamam de *comunidade consciente* pode ser criado eletronicamente por meio da iniciação e da participação em discussões sobre objetivos, ética, responsabilidades e estilos de comunicação, isto é, normas. Conseqüentemente, as normas seriam negociadas, no ambiente on-line, da mesma forma que em uma comunidade ou em um grupo social presencial. Na verdade, é possível que no ambiente on-line essas normas negociadas colaborativamente sejam mais rígidas, já que consti-

tuem os fundamentos sobre os quais se constrói a comunidade. O acordo sobre como um grupo interagirá e sobre quais são seus objetivos ajuda a levá-lo adiante. Em um grupo que convive face a face, certas convenções são feitas, mas não necessariamente discutidas, como a idéia de que uma pessoa deve falar de cada vez, de que se deve pedir a palavra ou de que se devem indicar que se gostaria de falar. No grupo on-line, não podemos levar adiante tais pressuposições, já que não podemos ver o outro. Portanto, nada pode ser deixado ao acaso – todas as questões e preocupações devem ser discutidas abertamente. O excerto abaixo ilustra como a comunidade pode surgir nesse ambiente. Esse grupo não tinha nenhuma espécie de contato presencial, algo que só ocorreu bem depois de sua conclusão.

Nunca tinha visto nada ir tão bem quanto isso aqui. Fins, começos, interrupções, novos amores que florescem, tristezas, dores nas costas e tudo o mais! Eu me senti tão tocada pelas suas mensagens, e de maneiras tão diferentes, que confesso me sentir sem condições de responder apropriadamente a todas elas sem parecer pouco sincera – ou ter personalidade múltipla. Cada resposta pede uma orientação emocional diferente. Mel

Outro exemplo:

Como adoro livros, esse seminário é, de certa forma, como ler meu romance favorito. A cada dia pego o livro... e acompanho as personagens ao longo da história. Assim como me envolvo emocionalmente com as pessoas e as idéias de um bom romance, fui envolvida por esse seminário. Claudia

Inúmeras discussões e sites na internet relacionam-se com a comunidade virtual com a maneira pela qual se forma e com os elementos que a constituem. Muitos concordam com alguns passos básicos que devem ser dados a fim de construir tal comunidade:

- definir claramente a proposta do grupo;
- criar um local diferenciado para o grupo;
- promover lideranças internas eficientes;
- definir normas e um claro código de conduta;
- permitir que haja uma variedade de papéis para os membros do grupo;
- permitir e facilitar subgrupos;
- permitir que os participantes resolvam suas próprias discussões.

Dar esses passos talvez fomente conexões mais fortes do que aquelas existentes nos grupos presenciais. O seguinte excerto, retirado do diário da tese de seu autor, chama a atenção para a qualidade do relacionamento que se forma on-line. Foi escrito após um encontro presencial que visava ao desenvolvimento de uma proposta de sua tese.

À medida que continuei a elaborar minha idéia, vi-me dirigindo meus comentários, aquilo que discutia e minha atenção à Marie. Não era que ela, acima dos outros, entendesse melhor minha idéia. O fato é que me sentia confiante de que ela realmente ME entendia, baseando-se em nossa conexão on-line anterior. Isso me deixou à vontade e me deu confiança para prosseguir.

REDEFININDO A COMUNIDADE

Pelo que discutimos até aqui, fica claro que o crescimento da internet e sua popularidade têm um importante impacto nos modos pelos quais as pessoas interagem, assim como nas maneiras pelas quais definem e redefinem sua noção de comunidade. Os avanços sociais e científicos, as descobertas, juntamente com o desenvolvimento tecnológico, têm nos dado diferentes enfoques em relação a questões que estão profundamente enraizadas em nossas tentativas de interação. Também enraizado no processo de comunicação está o fato de que vivemos em comunidade e de que estamos sempre à procura dela. Na verdade, nossas tentativas de comunicação são tentativas de construir uma comunidade. A necessidade de conexão com o outro influenciou o desenvolvimento da comunicação eletrônica, que, por sua vez, também influenciou tal necessidade. Nossos relacionamentos são agora muito mais complexos – devido à rede de pessoas com quem nos comunicamos – e ampliados pelos avanços tecnológicos pós-modernos. As comunidades e os bairros são tanto virtuais quanto reais, tanto globais quanto locais. A tecnologia ajudou a criar uma forma de interdependência social, permitindo que “novas comunidades formem-se onde quer que se criem links comunicativos” (Gergen, 1991, p. 213).

Linda Harasim (em Shell, 1995), professora de comunicação e autora de trabalhos na área de comunicação por computador e ensino a distância, lembra-nos de que as palavras *comunidade* e *comunicar* têm a mesma raiz, *communicare*. Ela continua: “Naturalmente, gravitamos ao redor dos meios que nos permitem comunicar e formar comunidades, porque isso, na verdade, torna-nos mais humanos” (p. 1). A comunicação por computador é, com certeza, um desses meios, pois ajudou a fazer com que o mundo fosse cada vez menor ao mesmo tempo em que expandia os parâmetros daquilo que chamamos de comunidade. Neste momento, é importante começar a discutir o que se entende por comunidade e por que isso é fundamental para o processo de educação e de aprendizagem on-line.

A IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE

Carolyn Shaffer e Kristin Anundsen (1993) falam da necessidade que o ser humano tem de sentir-se parte de um grupo, de ser semelhante ao outro e de sentir-se comprometido com um propósito maior. As mudanças na estrutu-

ra familiar, nos bairros e nas cidades aumentaram essa necessidade, já que hoje não é fácil identificar-se com algo que se possa chamar de “comunidade”. Hoje, as comunidades formam-se ao redor de questões de identidade e de valores comuns, não dependendo de um lugar (Palloff, 1996).

Shaffer e Anundsen (1993) definem comunidade como um todo dinâmico que emerge quando um grupo de pessoas compartilha determinadas práticas, é interdependente, toma decisões em conjunto, identifica-se com algo maior do que o somatório de suas relações individuais e estabelece um compromisso de longo prazo com o bem-estar (o seu, o dos outros e o do grupo em todas as suas inter-relações).

Algumas pessoas temem ingressar em uma comunidade porque pensam que devem submeter-se à vontade de um grupo. Parece, contudo, que a necessidade de sentir-se conectado a alguém – a uma comunidade – não necessariamente significa desistir da individualidade ou submeter-se a determinada autoridade a fim de ser parte de um grupo. Ao contrário, é um ato de geração mútua de autonomia – um meio pelo qual as pessoas compartilham com as outras o que são e vivem colaborativamente. No passado, o envolvimento com a comunidade era determinado pelo local onde se vivia (cidade ou bairro), pela família ou pelas convicções religiosas (identificação com um país de origem ou com uma organização religiosa). Envolver-se com a comunidade, hoje, requer um compromisso consciente com determinado grupo. Shaffer e Anundsen referem-se a isso como *comunidade consciente* – aquela que enfatiza as necessidades de crescimento pessoal e transformação de seus membros, tanto quanto os aspectos sociais e os fatores relativos à sobrevivência da comunidade.

A literatura sociopsicológica sobre o desenvolvimento da comunidade mostra aspectos paralelos a esse processo. Autores da área de comportamento de grupo e organizacional falam dos seguintes estágios: formação, normatização, distúrbio, desempenho e suspensão (Tuckman, 1965). Primeiro, as pessoas reúnem-se por um propósito comum. Esse é o estágio de formação. A seguir, procuram pelas outras para descobrir como trabalhar por objetivos comuns, desenvolvendo normas de comportamento no processo. Não é incomum que conflitos comecem enquanto isso ocorre, pois os participantes discutem enquanto se dá a disputa entre a negociação das diferenças individuais *versus* o propósito ou o objetivo coletivo. Contudo, a fim de alcançar a coesão e de executar tarefas conjuntamente, o grupo necessita superar esse conflito. Caso se tente evitá-lo, o grupo pode desintegrar-se ou simplesmente passar por cima dos problemas, jamais alcançando a afinidade. Da mesma maneira que ocorre em grupos presenciais, a fase de conflito é um elemento essencial que o grupo deve trabalhar a fim de passar ao estágio de desempenho. Nosso trabalho com grupos on-line tem mostrado que tais grupos passam pelos mesmos estágios que passam os grupos ou as comunidades presenciais, mesmo quando estes não trabalham face a face. Mas como os grupos on-line lidam com essas fases sem a vantagem do contato face a face?

Sproull e Kiesler (1991, p. 66) falam das dificuldades que os grupos de trabalho têm em chegar ao consenso quando não há nenhum contato face a face: “Quando os grupos decidem via computador, as pessoas têm dificuldade em descobrir como se sentem os outros membros. É difícil chegar a um consenso. Quando discordam, entram em conflito ainda maior”. Os autores parecem sugerir que o conflito é algo mau, indesejável. Ian Macduff (1994), em seu artigo sobre negociação eletrônica, afirma que há um potencial maior para que o conflito ocorra na discussão virtual do que na discussão face a face, devido à ausência de sinais verbais, faciais e corporais, bem como à dificuldade de expressar a emoção em um meio textual. Contudo, o autor vê nos meios eletrônicos um grande potencial para a resolução de conflitos, especialmente quando normas e procedimentos forem estabelecidos e utilizados.

Se o conflito não é algo assim tão mau, se é necessário para que se chegue a um grupo coeso e próximo, por que tantos o temem e evitam, especialmente nesse meio? Como nós, educadores, estabelecemos normas e procedimentos para a resolução de conflitos na comunidade de aprendizagem virtual?

Uma das preocupações acerca do conflito nesse meio é a de que a ausência de contato face a face faz com que muitas pessoas sintam-se menos constrangidas socialmente. Em uma situação presencial, elas tendem a escolher determinado número de opções para lidar com o conflito, podendo tanto evitá-lo quanto enfrentar a situação diretamente. Embora isso possa acontecer quando se está irritado ou com raiva, surtirá melhor efeito se ocorrer dentro daquilo que costumamos chamar de comportamento socialmente adequado. Vemos as mesmas escolhas serem feitas on-line, mas já que o conflito é resolvido pela transmissão de mensagens escritas, com a possibilidade de o ritmo/tempo e a seqüência das mensagens constituírem-se em problemas, a resolução exige mais paciência e trabalho. Em uma sala de aula on-line, outro membro do grupo pode apresentar-se como mediador para facilitar o processo.

Em uma de nossas primeiras experiências com um seminário on-line, cujo objetivo era explorar o tópico da criação de uma comunidade on-line, houve conflito entre dois membros do grupo, principalmente devido à seqüência e ao ritmo/tempo das mensagens. A comunicação estava muito longe de ser sincronizada, o que levou a um incidente mais violento, isto é, uma mensagem de indignação foi enviada. Um dos membros do grupo, envolvido no conflito, assim respondeu:

Quando li a última mensagem, fiquei muito mal. Chega. Sinto muito, mas não posso continuar. Essa é uma daquelas situações em que este meio simplesmente não tem a dimensionalidade suficiente para que eu expresse o que quero e me sinta tranquilo ao ponto de achar que o que eu digo é compreendido. Sinto a necessidade daqueles sutis sinais físicos e psicossociais que são grande parte da comunicação face a face. Mel

Ele estava tentando afastar-se e evitar o conflito. Porém, outro membro do grupo tentou atuar como mediador, oferecendo o seguinte:

Está sendo muito difícil entender toda essa briga sobre a definição de comunidade... Sei que o propósito desse seminário é debater as questões acerca da comunidade e definir qual é a interseção entre as comunidades "humanas" e "virtuais". Também sei que não concordaremos quanto ao que são esses elementos e definições e que o fato de não concordarmos esquentará os ânimos. Por mim, tudo bem. Mas sugiro que estabeleçamos uma norma que impeça que partamos para o terreno pessoal. Acho que, se fizermos isso, poderemos avançar do conflito para idéias realmente importantes sobre o que forma uma comunidade. Cláudia

A resolução desse conflito ajudou a criar uma conexão extremamente forte entre os participantes do grupo, levando-os a um resultado positivo em sua aprendizagem. Em uma sala de aula presencial, o conflito pode surgir como parte de um desentendimento sobre determinadas concepções. Abrir o ambiente da sala de aula para o debate de idéias é algo geralmente visto como positivo, pois dá provas de que os alunos estão envolvidos com a matéria estudada – embora o conflito possa ficar mais acirrado e necessitar da intervenção do professor, já que a maior parte dos problemas é resolvida no contexto da sala de aula. Todavia, o conflito não é considerado parte do processo de construção da comunidade na sala de aula tradicional – embora possa contribuir para os resultados da aprendizagem, não é um componente fundamental do processo.

Na comunidade de aprendizagem on-line, o conflito não só contribui para a coesão do grupo, como também na ajuda na qualidade do resultado do processo de aprendizagem. Portanto, os professores do ambiente on-line precisam estar à vontade com o conflito; na verdade, podem precisar provocá-lo ou ajudar na facilitação de sua resolução. Devem aplaudir sua presença.

Há perigo, porém, quando no ambiente on-line existe um conflito não-resolvido. Se o professor falhar ao intervir ou se não der certo a hipótese de resolvê-lo por meio do apoio às tentativas de outros estudantes, a participação no curso on-line será mais resguardada e esparsa. Além disso, o direcionamento da comunicação mudará. Os alunos direcionarão suas mensagens ao professor, e não aos outros membros do grupo. Tivemos essa experiência em um de nossos seminários on-line. Uma pessoa zangou-se com o que julgou ser falta de participação de alguns membros do grupo. Isso não foi revelado on-line, mas foi-nos dito em uma ligação telefônica. Desde o início, havíamos percebido que as mensagens dessa estudante eram dirigidas a nós e que nenhum comentário ou parecer era enviado aos outros participantes. Sem indicar nomes, simplesmente relembramos aos participantes do seminário que a diretriz do grupo era a de que todos os alunos deveriam dar pareceres a seus colegas on-line. O resultado foi uma mensagem em que a participante em questão

demonstrava surpresa. Tal mensagem continha um pedido de desculpas a todos os membros do grupo pelo fato de ela não ter dado abertura para que pudessem conhecer suas preocupações e por não ter respondido às suas mensagens. Dado esse aspecto singular da comunidade virtual, passemos agora à discussão de sua importância na educação on-line.

A IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE NA SALA DE AULA VIRTUAL

O que tudo isso tem a ver com a educação e a aprendizagem on-line? Se reconsideramos nossa discussão, no capítulo anterior, sobre o novo paradigma para a aprendizagem, o qual envolve uma abordagem mais ativa, colaborativa e construtivista, o link torna-se claro e a peça que faltava no quebra-cabeça aparece. Os princípios envolvidos na educação a distância são aqueles atribuídos a uma forma mais ativa e colaborativa de aprendizagem, com uma diferença: *na educação a distância, deve-se prestar atenção ao desenvolvimento da sensação de comunidade entre os participantes do grupo a fim de que o processo seja bem-sucedido*. A comunidade é o veículo através do qual ocorre a aprendizagem on-line. Os participantes dependem um dos outros para alcançar os resultados exigidos pelo curso. Se um deles conectar-se a um site em que nenhuma atividade ocorre há alguns dias, pode sentir-se desestimulado ou ter uma sensação de abandono – algo como ser o único aluno a comparecer quando até mesmo o professor está ausente. Sem o apoio e a participação de uma comunidade que aprende, não há curso on-line. Essa diferença está ilustrada na Figura 2.1, em que há uma modificação do modelo de aprendizagem apresentado anteriormente.

Os professores guiados por um novo paradigma promovem um sentido de autonomia, iniciativa e criatividade, ao mesmo tempo em que incentivam o questionamento, o pensamento crítico, o diálogo e a colaboração (Brookfield, 1995). Em uma situação de aprendizagem presencial, pode-se chegar a isso pelo uso de simulações, atividades de grupo e projetos feitos em pequenos grupos. Também é possível incentivar os alunos a buscarem os tópicos de seu interesse (Brooks e Brooks, 1993). Ter noção de comunidade na sala de aula tradicional pode ser útil, mas não é algo obrigatório para que o processo seja bem-sucedido.

Os alunos de uma sala de aula presencial vêem-se e trabalham juntos, conhecendo-se melhor por isso. Como podemos fazer para que o mesmo aconteça quando todos os contatos são feitos por meio de um texto na tela? Na verdade, não o fazemos instantaneamente. Deve ser algo facilitado. Uma maneira de se desenvolver a comunidade é por meio da negociação mútua das diretrizes referentes ao trabalho conjunto do grupo. Iniciar o curso pelo envio de apresentações e incentivar os alunos a buscar áreas de interesse comum são boas formas de começar. Nesse meio, os professores devem ser flexíveis – precisam esquecer sua agenda e sua necessidade de controlar para que o pro-

cesso flua, permitindo que as agendas pessoais de seus alunos sejam incorporadas a ele. Com isso, a discussão pode tomar um rumo com o qual o professor não se sinta completamente à vontade. No entanto, em vez de impedir a discussão abruptamente, deve conduzi-la gentilmente para outra direção, talvez fazendo uma pergunta aberta que permita aos alunos examinar essa interação.

Em um curso on-line, precisamos ser capazes de abrir espaço para questões pessoais. Deve ser algo que se faz deliberadamente e que se estimula durante o curso. Caso não se abra esse espaço, é provável que os participantes busquem outras formas de interação pessoal, seja por e-mail, seja pela inserção de questões pessoais na discussão dos conteúdos do curso. Alguns participantes, quando descobrem que o elemento pessoal não está presente, podem sentir-se isolados e sozinhos e, como resultado, pouco satisfeitos com a experiência. Geralmente, preparamos um espaço na estrutura da sala de aula eletrônica para as questões pessoais, que exploraremos mais tarde, no Capítulo 7, quando discutiremos as técnicas para a construção dos fundamentos do curso.

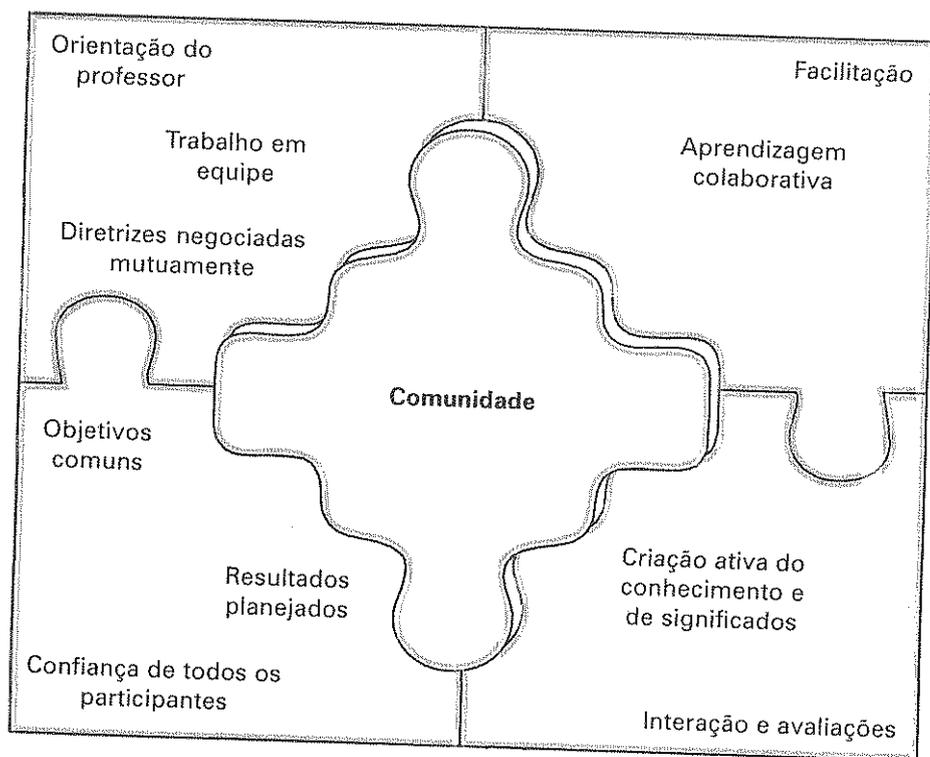


Figura 2.1 Estrutura para a aprendizagem a distância.

O desenvolvimento da comunidade, assim, torna-se uma vertente paralela para o conteúdo explorado. Possui seu próprio *status* e não é visto como algo que “polua” o processo de aprendizagem ou nele interfira. Harasim, Hiltz, Teles e Turoff (1996, p. 137) afirmam:

A comunicação é um componente essencial da atividade educacional. Da mesma forma que uma escola ou *campus* tradicional oferece lugares para que seus alunos interajam socialmente, um ambiente educacional on-line deve oferecer um espaço, como um café virtual, para assuntos informais... Forjar laços sociais traz importantes benefícios socioafetivos e cognitivos para as atividades de aprendizagem. O café virtual deve ser primordialmente um lugar para o estudante, e não algo diretamente atrelado ao currículo.

Mas serão ativas todas as salas de aula eletrônicas? Todas serão ambientes de aprendizagem construtivista? Será que todos os programas de ensino a distância utilizam ferramentas e enfoques ativos e colaborativos? Infelizmente, a resposta é não. Já vimos muitos programas de ensino a distância nos quais o professor envia palestras e tenta controlar os resultados da aprendizagem, direcionando e dominando o processo. Também já encontramos muitos professores que continuam a usar exames de múltipla escolha e testes do tipo verdadeiro-falso como formas de aferir a aprendizagem. Muitos deles são obrigados a se curvarem à pressão de suas universidades, que não desejam abandonar velhos métodos pedagógicos ou que não compreendem como se poderia fazer algo diferente. Muitas dessas universidades também estão sofrendo a pressão de instituições acreditadas, que não compreendem as maneiras de ensinar e de aprender que funcionam melhor em tal ambiente. Ouvimos falar de muitos professores on-line que reclamam da ausência de interação entre seus alunos ou da falta de resposta às suas questões. Aprofundando um pouco mais, descobrimos que esses professores estavam fazendo perguntas fechadas que não estimulavam a discussão ou a estavam dominando, não permitindo que o processo fosse centrado no aluno. (Discutiremos as diferenças entre as formas das perguntas no Capítulo 8.)

Em vista de todas essas questões e preocupações, o que constitui um ensino eficiente na sala de aula on-line? Qual é o papel do aluno no processo, já que estamos falando de um processo interativo? E o que constitui um resultado positivo nesse aprendizado? A seguir, revisaremos brevemente as respostas para cada uma dessas questões.

PARTICIPAÇÃO E RESULTADOS DESEJADOS NA SALA DE AULA VIRTUAL

Uma comunidade que aprende on-line não pode, é claro, ser criada por uma pessoa só. Embora o professor seja responsável por facilitar o processo, os participantes também têm a responsabilidade de fazer com que a comuni-

dade aconteça. Já dissemos que o processo de aprendizagem na sala de aula eletrônica é algo ativo. Portanto, para que os alunos sejam considerados “presentes”, eles devem não só acessar o site do curso on-line, mas também fazer algum comentário. Os professores geralmente estabelecem as diretrizes para que haja uma participação mínima aceitável, o que permite aos estudantes interagir e facilitar o processo de construção da comunidade. Essa expectativa de participação difere significativamente da sala de aula tradicional, da sala de aula face a face, onde a discussão pode ser dominada por um ou mais alunos extrovertidos, dando a ilusão de que o grupo está envolvido. A possibilidade de pensar antes de responder e de comentar no momento em que se quer comentar ajuda a criar um nível de participação e de envolvimento que vai muito mais fundo. Como descreve um de nossos alunos:

Parece que nós, como alunos, estamos com mais vontade de falar e de discutir as questões do que estaríamos em uma sala de aula comum. Sinto que isso é assim por duas razões. Uma é a de que temos tempo para nos concentrar na questão e pensar, enquanto na sala de aula as perguntas pedem respostas imediatas. A segunda razão é a de que podemos discutir abertamente, sem nos preocuparmos tanto em errar. Se você enviar algo que não está certo, ninguém diz que você está errado, mas incentiva e tenta ajudar a encontrar a resposta certa. Brandi

Além disso, pelo fato de estarmos trabalhando em um meio que se baseia em textos e na ausência de estímulos visuais ou sonoros, os participantes concentram-se no significado da mensagem transmitida. Como resultado, as idéias podem ser desenvolvidas colaborativamente à medida que o curso avança, criando o significado socialmente construído que é a marca registrada de uma sala de aula construtivista, na qual ocorre o processo ativo de aprendizagem. Essa capacidade de colaborar e criar o conhecimento e o significado em comunidade é um claro indicador de que uma comunidade virtual de alunos articulou-se com sucesso.

Os indicadores de que uma comunidade on-line está em formação são expressos pelos seguintes resultados desejados:

- interação ativa, envolvendo tanto o conteúdo do curso quanto a comunicação pessoal;
- aprendizagem colaborativa, evidenciada pelos comentários dirigidos mais de um estudante a outro do que de um estudante ao professor;
- significado construído socialmente, evidenciado pelo acordo ou pelo questionamento;
- compartilhamento de recursos entre os alunos;
- expressões de apoio e de estímulo trocadas entre os alunos, além de vontade de avaliar criticamente o trabalho dos colegas.

Nesse ambiente, é possível estimular o desenvolvimento de uma comunidade em que ocorra pouca aprendizagem, mas em que existam fortes conexões sociais entre os participantes. É por essa razão, entre outras, que o professor precisa permanecer ativamente envolvido no processo a fim de gentilmente guiar os participantes que se perdem. Eles devem ser induzidos a voltar aos objetivos de sua aprendizagem que os mantiveram unidos. É o desenvolvimento de uma forte *comunidade de aprendizagem*, e não somente de uma comunidade social que é fator de distinção no ensino a distância por computador.

Até agora, descrevemos a comunidade eletrônica, seu funcionamento e sua importância no processo de aprendizagem on-line. Também discutimos a importância de que o professor atue como um facilitador do desenvolvimento dessa comunidade. Porém, ainda não discutimos as muitas questões que tendem a surgir quando se forma a comunidade e também não falamos da necessidade de os professores estarem conscientes dessas questões e de facilitarem a discussão sobre elas assim que surjam. No próximo capítulo, exploramos esses tópicos detalhadamente, bem como a contribuição de cada um para o desenvolvimento da comunidade de aprendizagem on-line.